



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12128 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Mulheres e o futebol: um estudo com alunas da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Gustavo Maneschy Montenegro - UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
Agência e/ou Instituição Financiadora: Programa de Auxílio ao Pesquisador - PAPESQ
UNIFAP

Mulheres e o futebol: um estudo com alunas da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Mesmo ainda carecendo de maiores investimentos, pesquisas e visibilidade, o futebol feminino vem alçando maior destaque, seja na elaboração de estudos e também no acesso/permanência das mulheres do que diz respeito à prática dessa modalidade esportiva. Portanto, o protagonismo das mulheres no futebol resulta de sua insistência em permanecer em um espaço que não é representado, incentivado e reconhecido como seu, mas, sim, fruto de insurgências, resiliências e resistências por parte delas.

Com relação às mulheres, alvo deste estudo, não foi diferente, vez que sofreram/sofrem restrições e proibições para praticar futebol. Como indica Goellner (2021), desde que o futebol foi criado, as mulheres, em diferentes tempos e contextos sociais, precisaram disputar poderes para nele adentrar e, ao fazê-lo, desconstruíram representações que, assentadas na biologia do corpo e do sexo, justificavam o caráter exótico, espetacular e impróprio atribuído à sua prática.

Entre os anos de 1930 e 1940, vários discursos de viés biologicista vieram à tona com o intuito de proibir a prática futebolística das mulheres. Baseando-se em pensamentos de que o futebol era contra a “natureza” feminina e de que poderia “comprometer funções reprodutivas”, sendo, portanto, uma ameaça à condução de uma maternidade sadia, essa modalidade foi oficialmente impedida às mulheres em 1941. Entretanto, por trás desses argumentos, estava o caráter fortemente machista e patriarcal da sociedade, que se incomodava com a ocupação dos espaços públicos e a decisão do uso do próprio corpo pelas mulheres (GOELLNER, 2021; FRANZINI, 2005).

O presente texto apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com estudantes

universitárias que participam do time de futsal feminino da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Fazem parte desse coletivo 17 mulheres. Esse grupo também é responsável pela participação da UNIFAP em competições esportivas universitárias, seja no âmbito estadual ou nacional. Assim, as questões centrais que orientaram a investigação foram: quais as motivações para praticar futebol? Que barreiras são apontadas para a permanência no futebol? Quais espaços/locais tiveram importância para inserir as meninas na prática futebolística? Qual pessoa/agente social teve mais importância para iniciação das alunas no futebol? Houve resistência familiar para que elas praticassem futebol?

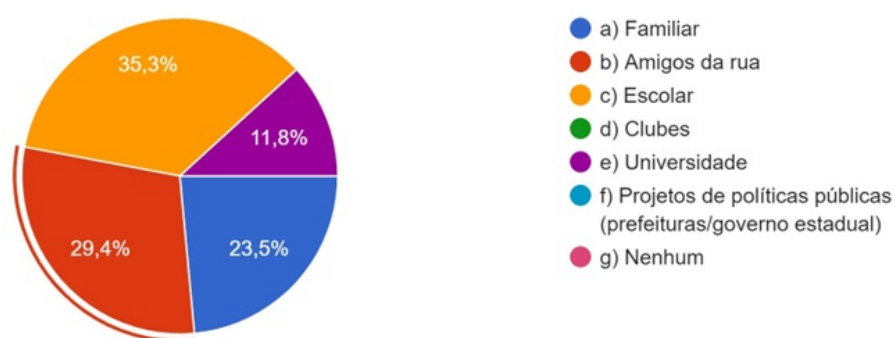
A coleta de dados se efetivou com o auxílio de um questionário virtual, o qual foi disponibilizado para as alunas por meio da plataforma *Google Forms*. Após a elaboração do instrumento, foi gerado um *link* de acesso, o qual foi encaminhado ao grupo de *Whatsapp* de que participam apenas as alunas que compõem a equipe. O *link* ficou disponível para acesso das respondentes entre os dias 1 e 10 de outubro de 2021.

A primeira pergunta do questionário apresentava a seguinte indagação: qual dos locais/ambientes abaixo você considera que foi mais importante para a sua inserção no futebol?

Gráfico 1: Referente ao local/ambiente de maior importância para inserção no futebol

Qual dos locais/ambiente abaixo você considera que foi mais importante para a sua inserção do Futsal?

17 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A escola foi indicada como o local de maior relevância para a inserção das alunas no futebol, mencionada por 35,3% das partícipes. Em seguida, vieram as opções amigos da rua (29,4%), família (23,5%) e universidade, com 11,8%. Para esse grupo de participantes, as informações revelam o papel de instituições de ensino que possibilitaram a inserção das mulheres no futebol, o que traduz como esses espaços podem se constituir em locais de questionamentos e tensionamentos das diversas maneiras de desigualdades.

Para Souza *et al.* (2020), a escola é um espaço propício para se debaterem diversos assuntos, um dos quais seria a prática do futsal feminino escolar, que se encontra repleto de preconceitos e sexismo. Historicamente, ao que se refere à mulher no esporte, sempre foram

visíveis as dificuldades encontradas para se estabelecerem, embora já seja significativo o espaço adquirido pelo sexo feminino em diversas práticas esportivas.

Apesar da escola ser apontada como um importante local para inserção das meninas no futebol, isso não significa que esse processo esteja ausente de tensões, como retratam Maffei, Verardi e Carvalho (2019). Os autores realizaram uma investigação na qual discutiram o interesse na prática do futebol feminino nas aulas de Educação Física, nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo-SP. De modo geral, foi indicado que 70% das participantes da pesquisa passaram por experiências com o esporte na escola, embora os sentimentos das alunas, em relação ao futebol, sejam polarizados.

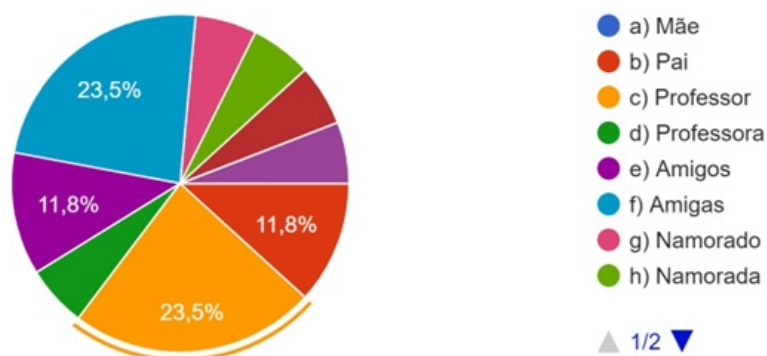
Um grupo de alunas demonstrou aderência e interesse pela modalidade, construindo sentimentos positivos em relação ao futebol. Já outro grupo demonstrou não adesão ao esporte, sendo que os motivos alegados pelo desinteresse se relacionam com os atritos e os impedimentos por parte dos meninos, bem como a falta de colegas praticantes para jogarem juntas.

A despeito de se ter observado outros espaços/ambientes de importância para a inserção das mulheres no futebol, tais como a família, os amigos e a universidade, para esse grupo que se investigou, a escola foi o principal local de acesso à prática do futebol. Ainda que exista um paradigma presente na prática do futebol feminino, que historicamente traz uma bagagem preconceituosa, a escola pode ser um local com potencial anticolonial, que possibilite transgressões dos sistemas de dominação, como o sexismo (hooks, 2017).

Na sequência, as participantes foram indagadas sobre qual pessoa/agente social elas consideraram que mais as tinha incentivado para praticar futsal. As opções “professor” e “amigas” foram as mais mencionadas, ambas com 23,5% das respostas. Em seguida, vieram as alternativas “pai” e “amigos”, igualando também o quantitativo de respondentes (11,8%).

Gráfico 2: pessoa/agente social que mais incentivou a praticar futebol

Qual das pessoas abaixo você considera que mais lhe incentivou para a prática do futsal?
17 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A ação docente tem a finalidade de contribuir para a formação global do cidadão, incluindo-se, assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Dentro dessa perspectiva, cabe ressaltar que a intervenção do/da professor/professora se constitui para além de transmitir conhecimento, mas como uma prática engajada, que deve ser questionadora dos determinantes de classe, de gênero e raciais (hooks, 2017). Diante disso, quando o “professor” é indicado como o principal artífice para a inserção das mulheres no futebol, compreende-se, com mais evidência, o papel que esse/a profissional pode ter para reconceitualizar o ensino, questionar parcialidades e formas de opressão.

Não estamos aqui romantizando o/a professor/professora. Há de se destacar os limites do seu trabalho, como as condições materiais precárias às quais muitos/as são submetidos/as. No entanto, esse trabalho docente precisa ser pautado sob a perspectiva da mudança, entendendo o ato pedagógico como essencialmente político. Assim, o alicerce dessa mudança perpassa pela importância de proporcionar a todos, todas e todes, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado, transgredindo os modelos de dominação da sociedade capitalista colonial, a qual se baseia, sobretudo, em modelos classistas, sexistas e raciais.

Outro aspecto de destaque foi a importância das “amigas” para a inserção na prática futebolística. Isso revela como esse espaço pode se constituir em um *locus* de sociabilidade, formação de laços, edificação de identidades e de fortalecimento das mulheres. Além disso, destaca-se que essa contribuição para iniciação ao futebol foi realizada por outras mulheres, revelando o quanto que a presença feminina no futebol tem se expandido nos dias atuais. Quando se observa que mulheres têm um papel de destaque para inserir outras mulheres em um espaço que historicamente não foi tido como seu, isso revela o protagonismo que o sexo feminino tem em alçar espaços/locais quaisquer que sejam.

Na sequência da pesquisa, questionamos às partícipes se houvera resistência de sua família em relação à prática do futebol. Os resultados das respostas podem ser observados por meio do Gráfico 3.

Gráfico 3: Resistência na família em relação ao futebol

Houve resistência da sua família em relação a esta prática esportiva?

17 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

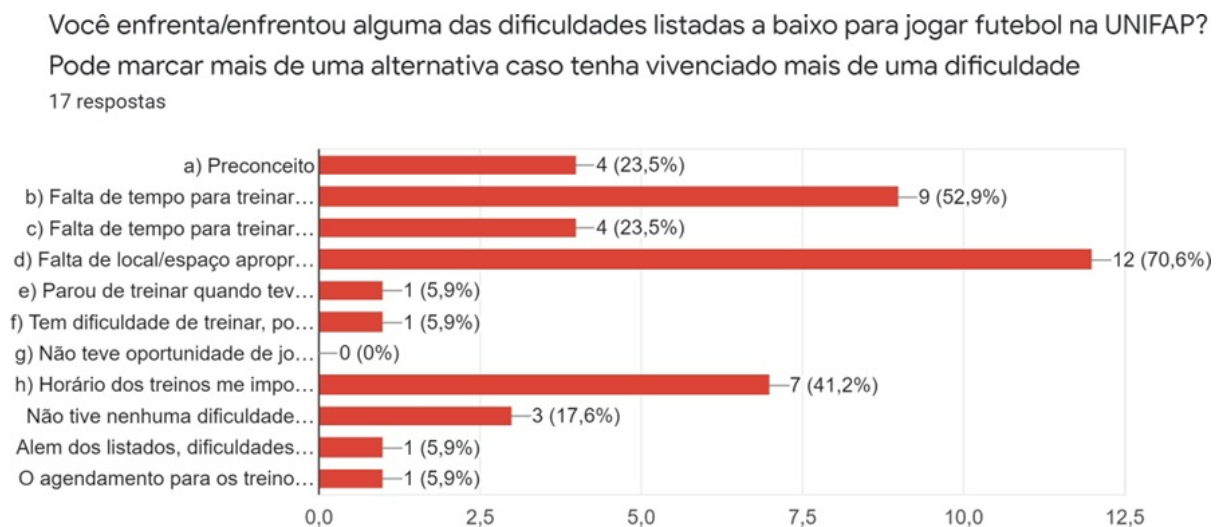
Um aspecto positivo foi o fato de 41,2% das mulheres indicarem a opção “não houve resistência e tive incentivo da família para jogar futebol”. Novamente, interpretamos esse dado como um avanço em termos de inserção da mulher no futebol. Se, em tempos passados, as mulheres foram proibidas oficialmente de jogar futebol, restando-lhes o caminho de uma prática “clandestina” (GOELLNER, 2021), bem como enfrentando preconceito e mesmo proibição de familiares (FERREIRA *et al.*, 2018), para este grupo de alunas, a prática futebolística foi aceita e incentivada, o que indica uma trilha de mudanças na sociedade que começa a se abrir.

Todavia, um grupo de participantes também indicou certa indiferença, por parte da família, em relação à prática futebolística. Assim, 17,6% registraram que “minha família não gostava que eu jogasse futebol, mas deixavam eu jogar, mesmo contra a vontade deles”; 23,5% informou que “não houve resistência, mas também não tive incentivo vindo da família”; 11,8% assinalou que “minha família é indiferente quanto ao fato de jogar futebol”. Nenhuma participante indicou a necessidade de ter praticado futebol escondida da família.

Dessa maneira, se, por um lado, percebemos um caminho que sugere mudança de paradigma para a inserção da mulher no futebol, vez que a maioria das partícipes (41,2%) demonstrou o apoio e o incentivo da família para praticar esse esporte, por outro lado, nota-se certa indiferença de familiares em relação a essa prática, embora nenhuma menina tenha indicado proibição e interdição pela família, no que concerne ao futebol.

Por fim, as últimas perguntas visavam identificar as barreiras para praticar futebol, bem como as motivações das alunas para permanecer na modalidade. A pergunta que procurava mapear as barreiras para praticar futebol ficou redigida da seguinte maneira: você enfrenta/enfrentou alguma das dificuldades listadas abaixo para jogar futebol? Nessa questão, as alunas poderiam marcar mais de uma opção de assinalamento.

Gráfico 4: Barreiras para praticar futebol



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

As alternativas que obtiveram maior percentual de respostas foram a “falta de

local/espço apropriado para treinar” e a “falta de tempo para treinar por conta dos estudos”, alcançando 70,6% e 52,9% das respostas, respectivamente. Já com percentuais menores de respostas, identificamos as seguintes barreiras: “preconceito” (23,5%); “falta de tempo para treinar, por conta de ter que trabalhar” (23,5%); “parou de treinar quando teve filho” (5,9%); “tem dificuldade de treinar, pois tem que cuidar do/da filho/filha” (5,9%)

Como argumenta Franzini (2005) inserção da mulher no futebol sempre foi revestida de barreiras e obstáculos que se colocaram sob uma perspectiva para o seu afastamento nessa vivência. Além das questões históricas, como preconceito e proibições oficiais, a falta de espaços apropriados para elas, bem como as restrições de tempo em função da terceira e, até mesmo, quarta jornada de trabalho impõem ainda mais obstáculos para que as mulheres possam se inserir e manter-se em uma prática esportiva e do lazer.

Outro aspecto a destacar nesses resultados é a categoria “preconceito”, que, embora não tenha sido a mais indicada, registrou 23,5% das respostas. Mesmo que já estejamos distantes de uma época em que as mulheres eram proibidas de jogar futebol, o preconceito de gênero ainda se faz presente em relação à prática da mulher no futebol.

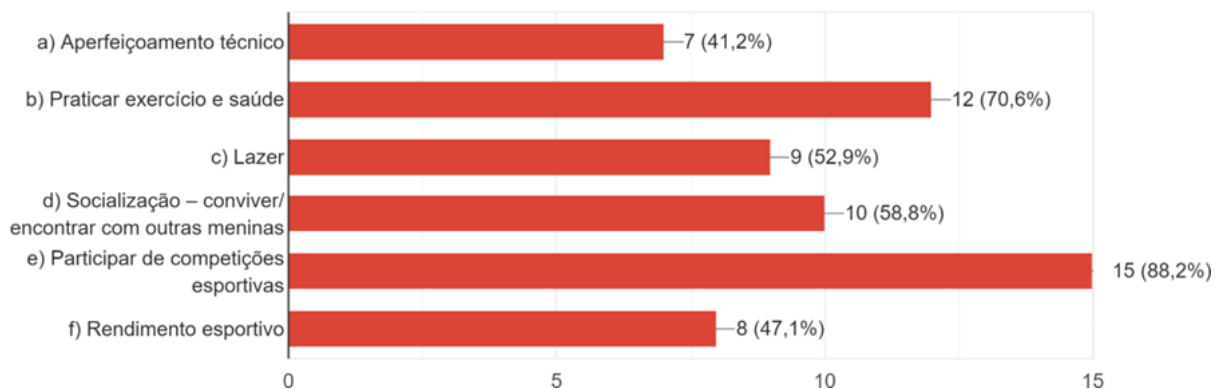
A questão seguinte, que procurou identificar as motivações das alunas para se manterem na equipe de futsal. Como se observa por meio do gráfico 5, as opções mais indicadas foram “participar de competições esportivas” (88,2%) e “praticar exercício e saúde” (70,6%). Também se destacam interesses ligados à “socialização – conviver com outras meninas” (58,8%) e “lazer” (52,9%).

Gráfico 5: Motivações para praticar futebol

Quais das alternativas abaixo mais descrevem a sua motivação para jogar futebol na UNIFAP?

Pode marcar mais de uma alternativa

17 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Os interesses das mulheres para se manter na prática do futsal na UNIFAP ocorrem pelos mais variados motivos, tais como realizar exercício físico; participar de competições; lazer; encontrar amigas. Isso mostra que o interesse dessas alunas é resultado de vários fatores: ao mesmo tempo que o futsal é lido por elas como um espaço de treinamento e exercício físico, estando associado à ideia de manutenção da saúde, o fato de participar da equipe também significa o estabelecimento de sociabilidade e de lazer.

A motivação que leva as mulheres a procurar o futebol está relacionada também à exposição que este tem nos meios de comunicação. Atualmente, é possível notar que o futebol feminino alça maior destaque, sendo possível assistir à transmissão de jogos pela televisão, com várias jogadoras brasileiras alcançando destaque nacional e internacional. Dessa maneira, o aumento da exposição do futebol feminino implica crescimento da motivação e procura das mulheres por essa prática.

Este trabalho possibilitou aprofundar o entendimento sobre o futebol feminino. Mesmo diante de tantas dificuldades, as mulheres têm desenhado sua trajetória na modalidade, percorrido este calcado em resistências para se fazerem presentes nessa esfera social. Portanto, os dados aqui apresentados indicam algumas características da trajetória das mulheres no futebol, o que, sob o ponto de vista, vem a sugerir mudanças da relação das mulheres nesse esporte, mesmo que tais mudanças ainda sejam lentas.

Registra-se que esta pesquisa apresenta resultados parciais e circunstanciais, os quais “falam” da realidade de um grupo de 17 mulheres que compõem uma equipe de futsal feminino universitário. Mesmo que se tenha identificado avanços em relação à inserção das mulheres nessa seara, as quais têm ocupado espaços e enfrentado barreiras, são necessárias investigações sobre outras mulheres, em outras realidades, a fim de obter uma interpretação mais abrangente do objeto debatido.

Palavras-Chave: Futebol. Futebol Feminino.

Mulheres REFERÊNCIAS

FERREIRA, M. J. P.; BEZERRA, J. A. X.; SILVA, K. V.; CERANI, R. B.; LOPES D. T. Preconceito no futebol feminino no brasil: uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**. v. 1, n. 2, jul/dez. 2018.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, S. V. mulheres e futebol no brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**. v. 27, ja/dez. 2021

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MAFFEI, W. S.; VERARDI, C. E. L.; CARVALHO, B. J. O interesse feminino pelo Futebol na escola. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 45, p. 507-514, 2019.

SOUZA, L. C. G.; BATISTA, S. S.; PONCE, K. B.; SILVA, J. M. M. Futsal escolar: as barreiras do sexismo feminino. In: VIANA, J. A.; SILVA, E. V. A.; FIGUEIREDO, S. C. G. (orgs). **Educação Básica**: novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem da educação física escolar. 1ª ed. Belo Horizonte: Poisson, 2020.